

O CONGRESSO EM PROL DA PAZ NO RIO DE JANEIRO (1915)

TANIA REGINA De LUCA*
RENATA APARECIDA COTRIM**

RESUMO

No contexto da 1ª Guerra Mundial, parte do movimento operário posicionou-se contra o conflito e levou a cabo esforços para denunciar as atrocidades em curso nos campos de batalha. A cidade do Rio de Janeiro foi sede de um encontro em prol da paz, sob a responsabilidade da Confederação Operária Brasileira (COB) e cuja organização coube a Antonio Filgueiras Vиейtes e Astrojildo Pereira. Ao longo do artigo, discute-se o contexto que levou os militantes brasileiros a decidirem sediar um evento dessa natureza, analisa-se a convocatória e o papel decisivo de Vиейtes para a concretização do evento.

PALAVRAS-CHAVE: Congresso da Paz, Confederação Operária Brasileira, 1ª Guerra Mundial, Antonio Filgueiras Vиейtes, Astrojildo Pereira.

ABSTRACT

In the context of World War I, part of the labour movement was positioned against the conflict and made efforts to denounce the ongoing atrocities on the battlefields. The city of Rio de Janeiro was headquarters of a meeting on behalf of the peace, under the responsibility of the Brazilian Labour Confederation (COB) and whose organization fit to Antonio Filgueiras Vиейtes and Astrojildo Pereira. In this paper, we discuss the context that led the Brazilian militants to decide to host an event of this nature and we analyse the convocation itself and the decisive role played by Vиейtes in the materialization of the event.

KEYWORDS: Peace Congress, Brazilian Labour Confederation, World War I, Antonio Filgueiras Vиейtes, Astrojildo Pereira.

* Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Livre-Docente do Departamento de História da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis). Bolsista de Produtividade (CNPq). E-mail: trdeluca@uol.com.br

** Graduada em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PUCSP. Historiadora no Centro de Memória da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

A pesquisa nos arquivos sempre pode revelar surpresas. Um exemplo é o vasto material relativo ao Primeiro Congresso da Paz, realizado no Rio de Janeiro em outubro de 1915 e que tinha por objetivo discutir estratégias de enfrentamento e resistência à Primeira Guerra Mundial. Nesse artigo, a atenção centra-se na convocatória lançada pela Confederação Operária Brasileira (COB), com o objetivo de compreender as razões que teriam levado a militância brasileira a promover tal evento e os envolvidos na empreitada.

O tema não poderia ser mais oportuno pois, entre 2014 e 2018, comemorou-se o centenário da Primeira Guerra Mundial. Governos, instituições culturais, universidades, editoras e veículos de comunicação de massa levaram a cabo um rol diversificado de atividades, que recolocaram em questão o conflito. Aliás, deve-se notar que o evento nunca deixou de interessar não apenas os especialistas da área das humanidades, mas também o público em geral.

E esse interesse é compreensível, uma vez que antes de se tornar a Primeira Guerra Mundial essa foi a Grande Guerra que, segundo vigorosa corrente historiográfica, marcou o início efetivo do século XX, atravessado por muitas outras tragédias e massacres que lhe conferiram o rótulo de centúria trágica.¹ Já para os que se encontravam no palco dos acontecimentos, revelou-se surpreendente a enorme distância entre a crença inicial de que se trataria de uma guerra de grandes proporções, mas rápida, e o efetivo desenrolar dos acontecimentos, com suas múltiplas e complexas consequências.

De fato, a capacidade e a potência destrutiva dos armamentos, produzidos em escala industrial, inauguraram um novo padrão de conflito, sem precedente histórico, a chamada guerra total, que alcançava todos os indivíduos dos países beligerantes, fossem civis ou militares, tornados alvos legítimos diante da oposição radical e da desumanização do inimigo, que não deveria ser apenas derrotado, mas aniquilado. Destruição, extermínio, atrocidade, horror e brutalização manifestaram-se em graus até então inéditos e causavam sofrimentos de todos os tipos. O cortejo dos que retornavam dos campos de batalha, mutilados física e psicologicamente, expressava de forma contundente a violência que campeava de ambos os lados.

Mesmo em vista dos embates posteriores, as perdas humanas da Grande Guerra atingiam cifras enormes, como indicam as sempre lembradas batalhas do Somme (entre julho e novembro de 1916), com mais de um milhão de mortos, e de Verdun (entre

¹ Para uma visão panorâmica do período, consultar: HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

fevereiro e dezembro de 1918), que somou setecentas mil baixas, ambas com resultados quase nulos em termos de avanços sobre a trincheira do inimigo. Outros exemplos pouco edificantes poderiam ser citados e isso já nos meses iniciais de luta, quando ainda imperava a guerra de movimento, a exemplo dois primeiros enfrentamentos ocorridos na região de Flandres (Bélgica), conhecidos como batalhas de Ypres (entre outubro e novembro de 1914 e de abril a maio de 1915) que, além de registrarem perdas, em cada um dos lados, que ultrapassaram a casa dos cem mil, entre mortos, feridos e desaparecidos, também inaugurou, em 1915, o uso do gás clorídrico pelos alemães que, é bom frisar, não foram os únicos a se valerem de agentes químicos em combates.²

O Brasil, distante da luta travada em solo europeu, optou pela neutralidade, posição que somente abandonou a 26 de outubro de 1917, seis meses depois do envolvimento direto dos EUA nos campos de batalha. O afundamento de vários navios mercantes brasileiros em águas europeias, resultado da decisão alemã de apontar seus submarinos contra toda e qualquer embarcação, gerou diversos protestos populares, agitou a imprensa e aumentou a pressão em prol da nossa participação no conflito.³ Como se sabe, a presença brasileira nos campos de batalha foi modesta, com destaque para o envio de uma missão médica e da constituição de uma força naval que não chegou a entrar em combate por ter aportado no destino às vésperas do final do conflito.⁴

É certo que o nacionalismo foi um dos ingredientes fundamentais do conflito, capaz de conquistar corações e mentes em prol da defesa da pátria. Entretanto, a despeito da força desse discurso, que acabou subscrito por parte significativa de líderes e partidos socialistas, que apoiaram os governos e exércitos de seus

² Sobre a Grande Guerra, cuja bibliografia é vastíssima, ver: BECKER, Annette Becker. *Oubliés de la Grande Guerre*. Humanitaire et culture de guerre 1914-1918. Populations occupées, déportés civils, prisonniers de guerre, Paris: Éditions Noësis, 1998; HORNE, John (dir.). *Vers la guerre totale*. Le tournant de 1914-1915. Paris: Tallandier, 2010 e ROUZEAU-Audoin, Stéphane. *1914-1918*. La violence de guerre. Paris: Gallimard, 2014. Para uma visão de conjunto dos eventos, consultar: BERTONHA, João Fábio. *A Primeira Guerra Mundial*. O conflito que mudou o mundo (1914-2918). Maringá, PR: UEM, 2011.

³ A respeito da cobertura do conflito realizada no *Jornal do Comércio* e no *Correio da Manhã*, ver: GARAMBONE, Sidney. *A Primeira Guerra Mundial e a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

⁴ Para detalhes, ver: GAMA, Saldanha Arthur Oscar da. *A marinha do Brasil na Primeira Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Capemi, 1982.

respectivos países,⁵ houve quem denunciasse o caráter imperialista da guerra e insistisse no internacionalismo e na solidariedade de classe, que estava acima dos estados nacionais e não deveria se curvar aos seus interesses. Tratou-se mesmo de ir além do pacifismo, sempre reafirmado pelas lideranças operárias antes do conflito, mas rapidamente abandonado quando do início do mesmo, e propor medidas para boicotar o esforço de guerra.

Em consonância com tais preceitos, o *Ateneo Obrero Sindicalista* da cidade de Ferrol (Galícia, Espanha) lançou, em 26 de fevereiro de 1915, convocatória para a realização do Congresso Internacional Pró Paz, cujo objetivo era reunir organizações operárias dos mais diferentes países para discutir meios de se opor à guerra.⁶ O encontro, que ocorreria em país neutro, foi planejado para ter lugar entre 30 de abril e 2 de maio de 1915, ou seja, tratava-se de uma escolha cheia de simbolismo, que incluía o Primeiro de Maio. Para lá se dirigiram militantes portugueses, espanhóis, italianos, ingleses e latino-americanos, inclusive do Brasil.

⁵ Sobre a questão do internacionalismo e do apoio dos principais partidos da Segunda Internacional à guerra, ver: JOHNSTONE, Monty. Internacionais e Internacionalismo. In: BOTTOMORE, Tom (ed.). *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, p. 287-294.

⁶ A convocatória foi publicada em *Tierra y Libertad*, Barcelona, ano IV, n. 249, p. 1, 03/03/1915 e vinha assinada apenas pela comissão organizadora. Fundo Astrojildo Pereira, ASMOB, IAP, EMC 097.

FIGURA 1 – Página inicial do jornal *Tierra y Libertad* às vésperas do Congresso de Ferrol



FONTE: *Tierra y Libertad*, Barcelona, ano 4, n. 256, p. 1, 28/04/1915. Fundo Astrojildo Pereira, ASMOB, IAP, EMC, 097.

Contudo, às vésperas do início do encontro, o governo espanhol proibiu a reunião, expulsou delegados estrangeiros e impediu que outros desembarcassem no país. Ainda assim, alguns dos participantes reuniram-se um dia antes do previsto e tomaram uma série de deliberações, entre elas a criação de um Comitê Permanente do Congresso, com sede em Lisboa, encarregado de elaborar, a cada quinzena, um discurso revolucionário destinado às trincheiras, com o intuito de conscientizar os soldados.⁷

⁷ Para detalhes das condições em que foi feita a reunião e das decisões tomadas, ver o relato do delegado português SOUSA, Joaquim Manoel. *Relatório do delegado da União Operária Nacional no Congresso Internacional Pró Paz*. Porto: União Operária Nacional, 1915, p. 3-9. Fundo Astrojildo Pereira, ASMOB, IAP, Opúsculos 01.171,1 e também os exemplares do jornal *Tierra y Libertad*, que precederam e sucederam a data do encontro. A respeito do sindicalismo em Portugal, consultar: PEREIRA, Joana

A CONVOCATÓRIA DA COB: CONTEXTO

A retomada da iniciativa coube à Confederação Operária Brasileira (COB) que anunciou, em 29 de junho de 1915, a disposição de sediar no Rio de Janeiro, entre 14 e 16 de outubro do referido ano, o Congresso da Paz.

Cabe lembrar que a COB foi idealizada no decorrer do Primeiro Congresso Operário Brasileiro (1906) e mostrou-se ativa entre 1908/1909 e 1913/1915, não sem enfrentar significativo rol de dificuldades e flutuações no tom de suas propostas, que apresentaram graus diversos de radicalidade, sem nunca abrir mão da luta em prol da conquistas de melhores condições de vida e trabalho.⁸ Seus ideais foram expressos no jornal *A Voz do Trabalhador*, órgão oficial da entidade que somou setenta e um exemplares, vinte e um dos quais circularam entre julho de 1908 e dezembro de 1909 e os demais entre e janeiro de 1913 e julho de 1915.⁹

Em relação à guerra, a leitura da *Voz do Trabalhador* não deixa margem a dúvidas, pois a oposição declarada a um eventual conflito¹⁰ continuou firme quando este teve início e em 5 de agosto de 1914 já se alertava para a “calamidade universal” e a “tragédia que se anunciava”.¹¹ Na edição seguinte, com a manchete “A internacional operária contra a guerra!”, a COB, numa clara postura

Dias. *Sindicalismo revolucionário*. A história de uma ideia. Mestrado (História). Lisboa: FCSH/Universidade Nova de Lisboa, 2008.

⁸ Sobre o 1º Congresso e a COB, ver: BATALHA, Cláudio H. M. A Confederação Operária Brasileira e sua militância. In: MARQUES, José Antonio: STAMPA, Inez (org.). *Arquivos e o direito à memória e à verdade no mundo dos trabalhadores*. Coletânea do 3º Seminário Internacional o Mundo dos Trabalhadores e seus Arquivos Rio de Janeiro: Arquivo Nacional : CUT, 2015, p. 71-89; PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael M. *A classe operária no Brasil (1889-1930)*. Documentos. São Paulo: Alfa-Ômega, 1979, p. 41-48 e TOLEDO, Edilene. “Para a união do proletariado brasileiro: a Confederação Operária Brasileira, o sindicalismo e a defesa da autonomia dos trabalhadores no Brasil na Primeira República. *Perseu: história, memória e política*, ano 7, n.10, p.11-32, dez. 2013.

⁹ Em 1985, a Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo publicou edição fac-símile. A respeito do jornal ver: GIGLIO, Célia Maria Benedicto. *A Voz do Trabalhador*: sementes para uma nova sociedade. Dissertação de Mestrado (Educação). São Paulo: FE-USP, 1995 e MARQUES, João Carlos. *A Voz do Trabalhador*: cultura operária e resistência anarquista no Rio de Janeiro (1908-1915). Dissertação (História Social). Londrina, PR: Centro de Letras e Ciências Humanas-UEL, 2013. Note-se que a folha já não circulava quando da divulgação da convocatória.

¹⁰ Ver, a título de exemplo, Contra a guerra. *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 23, p. 1, 15/01/1913.

¹¹ Grande parte da primeira página da edição é dedicada ao tema. *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 60, p. 1, 05/08/1914.

ecumênica, convidou “todas as associações confederadas e mesmo as que não estão de acordo com a sua orientação, a levar a efeito no dia 13 de setembro, comícios de protesto contra a guerra”.¹² O jornal tampouco se furtou a tratar da delicada questão do apoio dado ao esforço de guerra no seio de organizações operárias: – “E a vaga patriótica cresceu, cresceu, cresceu, ameaçando tudo inundar, afogando muitos...” –, sem deixar, porém, de reafirmar a crença na vocação internacionalista da classe, a despeito da crise enfrentada pela Segunda Internacional. Depois de lembrar a ação do militante anarquista francês Sébatien Faure (1858-1942), cujos escritos exortavam o não alistamento e a deserção, declarava-se:

Basta já de sangue! Exclamou Faure, e acrescentou: Entendamos, vejamos o que podemos fazer. E é isto que estamos a fazer. Vamos combinar e conjugar esforços. Nós queremos a paz. Basta já de sangue! Mas como conseguiremos a paz? Cerrando fileiras, acordando numa ação comum por cima e através das fronteiras. Criando um ambiente intenso e denso favorável à paz, criando um estado de opinião universal profundamente contrário à guerra. Despertando e apoiando, entre o proletariado dos países conflagrados, todos os gestos de revolta, todos os desejos e todos os anseios de insurreição. Cerremos, pois, as fileiras. E lance (sic) uma concepção de lutas fatais, é uma Viva a Internacional!¹³

Não admira que as manifestações contra a guerra também tivessem dado o tom das atividades prevista pela COB para o 1º de Maio de 1915, conforme se observa na edição que antecedeu a data.¹⁴ Já na subsequente, a última a ser publicada, além da descrição dos eventos que marcaram o dia do trabalho, noticiou-se a proibição do congresso de Ferrol. Ainda que sem contar com “notícias mais seguras e mais amplas”, pois as disponíveis provinham da “imprensa burguesa”, a atitude do governo espanhol motivou protesto “pronto e enérgico”, com a elaboração de um

¹² Ver o texto não assinado A situação europeia. *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 61, p. 1-2, 20/08/1914. Sobre os comícios realizados e a ação da polícia, que impediu a reunião em vários estados, ver o artigo, sem autoria: O protesto contra a burguesia. *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, ano VII, n. 63, p. 1, 01/10/1914.

¹³ Viva a Internacional! *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 69, p. 1, 07/04/1915.

¹⁴ Consultar: *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 70, 01/05/1915, que traz notícias sobre a data nas suas quatro páginas.

manifesto e a realização de comício no Largo de São Francisco (RJ) no dia 12 de maio.¹⁵

À luz desse contexto, fica claro que a decisão da COB de assumir a responsabilidade de promover um encontro internacional no Rio de Janeiro contra a guerra estava de acordo com as posições assumidas pela entidade desde o início do conflito. A convocatória, publicada em papel timbrado da entidade e reproduzida em vários jornais operários, trazia a data de 29 de junho, portanto, dois meses depois dos eventos de Ferrol. Assinavam o texto e respondiam pela comissão organizadora do congresso Antonio Filgueira Vieytes e Astrojildo Pereira (1890-1965).

Sobre o segundo, nome dos mais representativos no cenário da militância e da cultura brasileiras, consta-se com significativa fortuna crítica.¹⁶ Em 1915, o jovem militante já era um importante quadro da COB e estava bastante envolvido com a produção da *Voz do Trabalhador* em sua segunda fase, além de colaborar com outras publicações de cunho anarquista do período, como bem revela o seu arquivo, que guarda rastros da sua presença em diferentes periódicos.

Além da intensa militância, que nunca abandonou ao longo da vida e que lhe valeram várias prisões, cabe destacar o quanto Astrojildo também investiu na sua formação intelectual, tendo se revelado um fino intérprete da obra de Machado de Assis, estudioso da filosofia e da história política. Conhecido pelo humor ácido, valeu-se de diversos pseudônimos ao longo da vida (Tristão, Alex Pavel ou Astper, por exemplo), prática comum tendo em vista a perseguição contínua enfrentada pelas lideranças operárias, seus jornais e tipografias. O cruzamento dos documentos de arquivo com os jornais nos quais contribuiu é fundamental para a atribuição de autoria, tarefa delicada e complexa.

As informações sobre Vieytes, pelo contrário, são escassas e é difícil estabelecer a cronologia de suas andanças. Sabe-se que era nascido em Ferrol em 1871 e que no início do século encontrava-se no

¹⁵ O Congresso de Ferrol. *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 71, p. 01, 08/06/1915. Note-se a distância em relação à edição anterior, que saiu em 1º de maio, o que indica as dificuldades de manutenção da folha, cuja periodicidade foi bastante errática, sobretudo na sua segunda fase.

¹⁶ Ver, por exemplo, *Memória e história*. Revista do Arquivo do Movimento Operário Brasileiro, n. 1, 1981; FEIJÓ, Marin Cezar. *O revolucionário cordial*. Astrojildo Pereira e as origens de uma política cultural. São Paulo: Boitempo Editorial : Fapesp, 2001 e, do mesmo autor, *Formação política de Astrojildo Pereira (1890-1920)*. São Paulo: Editora Novos Rumos, 1985.

Brasil, mais precisamente em Santos.¹⁷ Em 1911, liderou importante greve em Cuba, que lhe rendeu a expulsão do país em agosto.¹⁸ Remetido para Ferrol, sua cidade natal, encontrava-se preso em setembro, como atesta a subscrição realizada a seu favor, noticiada por jornal espanhol.¹⁹ É provável que de lá tenha retornado ao Brasil, pois em setembro de 1912 o jornal *A Lanterna* denunciou a expulsão, caracterizada como arbitrária e ilegal, de cinco trabalhadores estrangeiros, despachados para a Europa por participaram de greve na Companhia Docas de Santos, entre os quais estava Vieytes.²⁰ Sua estadia no velho continente deve ter sido breve pois em janeiro de 1913 a Federação Operária de Santos publicou um longo comunicado, destinado às entidades do exterior, no qual alertava para as condições de vida e trabalho vigentes no país, denunciava a lei de expulsão de estrangeiros e desaconselhando a vinda de imigrantes. Ao final, esclarecia-se que o “seguiu para a Espanha, em viagem de propaganda, o companheiro Antonio Filgueira Vieytes.”²¹ Fato este

¹⁷ As informações mais significativas sobre Vieytes provém de: FERNÁNDEZ, Eliseo; LOPES, Milton; RAMOS, Renato. A imigração galega e o anarquismo no Brasil. In: DEMINCIS, Rafael Borges; REIS FILHO, Daniel Aarão. *História do anarquismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad X : EdUFF, 2006, v. 1, p. 80-82. Os autores mencionam, sem citar fontes, o nascimento de dois filhos no Rio de Janeiro, sua presença em Buenos Aires em 1908 e a existência de processos contra ele em Ferrol antes do final da primeira década do século.

¹⁸ FRANK, Fernández, *Cuban anarchism: the history of a movement*. Tucson, Ari: See Sharp Press, 2001, p. 19. O seu nome também é citado em: RODRIGUEZ, José Antonio Vidal. *La emigration gallega a Cuba: trayetos migratorios, inserción y movilidad laboral (1898-1968)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2005, p. 380.

¹⁹ DE LUGO, Correspondencias de La Coruña. *El Socialista*. Órgano central del partido obrero. Madrid, año XXVI, n. 1332, p. 4, 20/09/1911. Disponível em <http://archivo.fpabloiglesias.es/files/Hemeroteca/ElSocialista/1911/9-1911/1332.pdf>. Acesso em set./2018.

²⁰ *A Lanterna*, anticlerical e de combate. São Paulo, ano XI, n. 155, p. 2, 07/09/1914. CEDEM/PC027. Em prol da ilegalidade da medida, afirmava-se que: “Antonio Vieytes reside no Brasil há muitos anos, sendo seus filhos nascidos em Ribeirão Preto e Santos”, circunstância que, se efetiva, levanta dúvidas sobre sua presença em Cuba. A questão da expulsão, sem mencionar nomes, também figura em *A Guerra Social*. Periódico Anarquista. Rio de Janeiro, ano II, n. 27, p. 3, 14/09/1912. Fundo Astrojildo Pereira, ASMOB, IAP, EMC, 081

²¹ Documento transcrito em: PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael M. *A classe operária no Brasil*. Condições de vida e de trabalho, relações com os empresários e o estado. São Paulo: Brasiliense, 1981, v. 2, p. 92-96.

confirmado em uma nota do jornal espanhol *El Socialista*, publicado em Madri em 14 de março de 1913.²²

Não há dúvidas que ele realizou a viagem e que a mesma teve repercussão pois já a partir de fevereiro é possível acompanhar, na *Voz do Trabalhador*, notas dando conta da ação do delegado da COB, seja a partir da reprodução de notas da grande imprensa que, não sem indignação, davam conta da campanha levada a efeito em Portugal e na Espanha, ou por meio de cartas enviadas por Vieytes. Em maio de 1913, o jornal reproduziu telegrama publicado pelo jornal *O Estado de S. Paulo* segundo o qual o representante brasileiro em Madri recebeu mensagem da União Geral dos Trabalhadores da França, Portugal e Espanha solicitando providencias para a volta de companheiros expulsos do Brasil e ameaçando a realização de comícios contra a imigração para o país. Talvez mais preocupante fosse a disposição dos trabalhadores do porto do Havre de boicotar o desembarque do café brasileiro, o que foi comemorado como demonstração da união do proletariado.²³

Em 1914, Vieytes estava novamente em Santos tanto que, em abril do ano seguinte, novamente foi expulso do Brasil em função da militância naquela cidade.²⁴ A sua trajetória, marcada por deslocamentos espontâneos e forçados,²⁵ estava longe de ser uma exceção e remete para as intensas trocas, em âmbito nacional e internacional, entre as organizações operárias, que compartilhavam projetos, práticas de luta, ideais e leituras de mundo, compondo vigorosa cultura operária.²⁶

²²Los horrores del Brasil. *El Socialista*. Organo central del partido obrero. Madrid, año XXVIII, n. 1405, p. 3, 14/03/1913. Disponível em <http://archivo.fpabloiglesias.es/files/Hemeroteca/ElSocialista/1913/3-1913/1405.pdf>. Acesso em out/2018.

²³ Ver: Em trono de uma monstruosidade. *A Voz do Trabalhador*, Rio de Janeiro, ano VI, n. 24, p. 1, 01/02/1913; Idem, ano VI, n. 25, p. 2, 15/02/1913; Em torno de uma monstruosidade. Idem, ano VI, n. 26, p. 1, 01/03/1913; Em torno de uma monstruosidade. Idem, ano VI, n. 27, p. 3, 15/03/1913; Em torno de uma monstruosidade. Idem, ano VI, n. 29, p. 2, 15/04/1913; Os efeitos da propaganda e Em torno de uma monstruosidade. Idem, ano VI, 1n. 31, p. 1 e 3 15/05/1913, respectivamente.

²⁴ RODRIGUES, Edgard. *Nacionalismo e cultura social* (1913-1992). Rio de Janeiro: Laemmert, 1972, p. 60-63.

²⁵Segundo o jornal *El Correo Gallego*, Ferrol, año XLI, n. 14466, p. 1, 14/03/1918, Vieytes encontrava-se na cidade de Ferrol nesta data. Disponível em: <http://biblioteca.galiciana.gal/gl/inicio.do>, acesso em mago/2018. Já MENÉNDEZ, Jorge Otero. *Uruguay un destino incierto*. Montevideo: Gráfica b, 2004, p. 341, informa que, em dezembro do mesmo ano, ele estava no Uruguai.

²⁶ HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão*. Memória operária, cultura e literatura no Brasil. 3ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

A expulsão em 24 de abril de 1914 permite conjecturar que ele já se encontrava na Europa quando da realização do Congresso em Ferrol. Os indícios para tanto provêm, por um lado, do fato de a COB ter enviado um outro representante, João Castanheira,²⁷ e, por outro, de pistas que indicam sua permanência na Europa, a exemplo de artigo escrito por ele do “*cárcel celular de Barcelona*”, datado de outubro de 1914,²⁸ e da sua presença no Teatro Romea (Ferrol), em 11 de fevereiro de 1915, no evento promovido pelo *Ateneo* que anunciou a realização do congresso em prol da paz.²⁹ Assim, entende-se sua presença na condição de representante da COB, na reunião que ocorreu a 29 de abril, véspera da proibição do evento.³⁰ Ele mesmo evocou esta participação, em artigo assinado apenas com as suas iniciais no jornal *Na Barricada*. Depois de saudar a iniciativa de se levar a cabo um congresso no Rio de Janeiro, Vieytes apresentou-se como um dos idealizadores do evento de Ferrol:

Para a frente, rebeldes! Não importa os pessimistas que gritem e desesperem: segui sempre para a frente, que vossa será a vitória. No Congresso de Ferro, a mesma coisa de seu. Os companheiros Vieytes, Bouza e Lon lançaram a ideia e os pessimistas diziam que seria um fracasso, e apesar de todos os obstáculos (...) souberam os camaradas vence-los e aquele pequeno Ateneu Socialista de Ferrol abalou os governos das nações beligerentes, que obrigaram o governo espanhol a suspender o Congresso.³¹

²⁷ Segundo FERNÁNDEZ, Eliseo; LOPES, Milton; RAMOS, Renato. *Op. Cit.*, p. 82-83, Castanheira era pseudônimo de José Whiman, que participou dos preparativos do congresso de Ferrol mas não do evento, por ter sido expulso do país. Foi dado por morto, o que gerou protestos da imprensa operária. O fato pois, posteriormente esclarecido, o militante estava em Portugal.

²⁸ VIEYTES, Antonio F. Solidaridad!. *Solidaridad Obrera*. Organo de la Confederación Regional del Trabajo de Cataluña. Barcelona, ano VIII, n. 72, p. 3, 08/10/1914. http://www.cedall.org/Documentacio/Castella/cedall203503000_Solidaridad%20Obrera.htm. Acesso em set. 2018.

²⁹ Ferrol. *Solidaridad Obrera*. Organo de la Confederación Regional del Trabajo de Cataluña. Barcelona, ano IX, n. 85, p. 4, 04/03/1915. Disponível em: <http://www.cedall.org/Documentacio/Castella/cedall203503000Solidaridad%20Obrera.htm>. Acesso em set. 2018.

³⁰ O nome de Vieytes é citado na edição que deu conta da proibição do congresso e da reunião realizada na véspera do seu início: *Terra y Libertad*, Barcelona, ano IV, n. 257, p. 1-2, 12/05/1915. Fundo Astrojildo Pereira, ASMOB, IAP, EMC, 097.

³¹ A.F.V. Para a frente, rebeldes! *Na Barricada*. Jornal de combate e crítica social. Rio de Janeiro, ano I, n. 11, p. 3, 19/08/1915. Fundo Astrojildo Pereira, ASMOB, IAP, EMC, 130. No jornal *Tierra y Libertad*, Barcelona, ano IV, n. 248, p. 2, 24/02/1915, há

Assim, parece assente que ele não foi apenas testemunha ocular dos acontecimentos na Espanha, mas também teve participação ativa pelo menos desde o anúncio do evento, não sendo fora de propósito supor que tenha se envolvido, tal como afirmou, na sua propositura. Estas atividades o qualificam para ter sido um dos idealizadores da realização da conferência do Rio de Janeiro, tanto que assinou a convocatória e integrou a comissão organizadora, juntamente com Astrojilgo Pereira, como teve papel de destaque nos desenrolar do evento. O curioso é que a historiografia, aliás pouco numerosa sobre o Congresso, seja a de Ferrol ou a do Rio de Janeiro, apenas cita Vieytes, sem se deter na sua figura, quiçá pelo fato dele figurar ao lado de Astrojildo Pereira, nome que, pela incontestável importância que assumiu no decorrer do tempo, acabou por esmaecer aquele que estava ao seu lado, ainda que, naquele momento, Vieytes fosse um militante muito experiente, com significativos contatos internacionais. Contudo, é graças ao arquivo de Astrojildo que é possível reatar alguns fios e estabelecer outras trilhas.

A CONVOCATÓRIA: CONTEÚDO

Reproduz-se, ao final do artigo, a convocatória, lançada em papel timbrado da COB, na qual é clara a opção por uma ortografia pouco ortodoxa e que se aproximava da fonética, prática também observada em grande parte do jornal *A Voz do Trabalhador*.³²

O documento está estruturado em dois momentos distintos e é dirigido, indistintamente, “aos socialistas, sindicalistas, anarquistas e organizações operárias de todo o mundo”. De saída, retoma-se a proibição de Ferrol, atribuída à pressão exercida pelos governos em guerra sobre a Espanha, temerosos da ação conjunta do operariado mundial. E como que para convencer os leitores da urgência da situação, colocavam-se de lado as considerações de ordem filosófica em prol da constatação do sofrimento partilhado por todos: fossem as vítimas do conflito ou aqueles que, a despeito de estarem em países neutros, sentiam os seus efeitos colaterais da guerra, também eles responsáveis por causar miséria e morte. Se,

uma pequena nota assinada por López Bouza, de Ferrol, apresentando a ideia do congresso. Fundo Astrojildo Pereira, ASMOB, IAP, EMC, 097.

³² Vale lembrar que muito cedo Astrojildo substituiu o “g” pelo “j” no seu nome, do que era muito cioso. Os rascunhos conservados em seu acervo indicam a grafia fonética do “s”, “z” e “x”.

no início do documento, os convocados à luta eram os proletários, as dimensões morais do drama impunham o compromisso de todos que possuíssem espírito altruísta. Para atestar que chegara o momento de rebelar-se, recorria-se a exemplos, provenientes dos dois lados, que apontavam para a insatisfação reinante. A *Internacional*, que já se fazia ouvir nas trincheiras, alertava que a “embriaguez patriótica”, que alimentava a ingenuidade inicial, ficara para trás e que o engodo da guerra, que interessava à burguesia apenas, revelara-se. Assim, bastaria que os proletários dos países neutros iniciassem a marcha para serem logo seguidos pelos exércitos cansados. Justificava-se, portanto, a convocatória do congresso, cujo temática era: “meios mais eficazes para fazer terminar a guerra europeia”.

É interessante contrapor essa parte inicial da convocatória da COB à lançada pelos militantes de Ferrol, que certamente era conhecida por Vieytes e por outros membros da COB.³³ Nos dois casos, os textos abriam-se evocando um evento deflagrador que, na convocatória do *Ateneo Obrero*, era um manifesto de Faure a favor da paz, exortação apontada como um toque de recolher, afinal, “todos os militantes do campo revolucionários das nações neutras” concordavam que algo deveria ser feito. E, numa posição firme, conclamava-se à ação, com um arrazoado que condenava as discussões de ordem doutrinárias:

*Ahora bien: si todos estamos conformes en hacer algo por la paz, no es hora de andar em discusiones en la prensa pidiendo la opinión de este u otro compañero; el tiempo apremia, y en el verano próximo la guerra recrudescerá con más furor, y esto es lo que hay que evitar a toda costa. Sacrifiquemos nuestras pasiones por un momento, y cesen las críticas de que si los socialistas alemanes tienen la culpa, que si los franceses, que si Malato o Kropotkine fueron traidores a la Internacional; de nada de estas cosas debemos ocuparnos; beligerantes y neutrales tenemos nuestra parte de culpabilidad en el conflicto, por haber traicionado los sanos principios de la citada Internacional, pero esto no es el momento de exigir respnsabilidades y sí de reparar en lo posible los errores cometidos.*³⁴

³³ No jornal *A Voz do Trabalhador* a convocatória não foi reproduzida. Foi publicada em *Tierra y Libertad*, Barcelona, ano IV, n. 249, p. 1, 03/03/1915. Fundo Astrojildo Pereira, ASMOB, IAP, EMC, 097, cabendo lembrar que a vasta rede de intercâmbios de publicações entre organizações operárias.

³⁴ *Tierra y Libertad*, Barcelona, ano IV, n. 249, p. 1, 03/03/1915. Fundo Astrojildo Pereira, ASMOB, IAP, EMC, 097.

Bem mais sucinto, mas ancorado no mesmo princípio, o texto assinado por Astrogildo e Vieytes resumiu a questão numa frase: “basta já de filosofar”, investindo nas consequências concretas do conflito e, de maneira otimista, citando a insatisfação reinante no fronte.

Apresentada a proposta, que no caso de Ferrol ainda incluía “*nueva orientación a seguir em lo sucesivo, para evitar tales crímenes de lesa humanidad*” e “*desarme general de los ejércitos permanentes*”,³⁵ a segunda parte do documento exortava os proletários de todo o mundo, fossem de nações em guerra ou não, a participarem do evento. Este não poderia ser apenas mais um encontro, antes deveria assinalar o início de um movimento que não apenas terminaria com o conflito que comprometia “a flor da juventude proletária” mas também iniciaria a derrocada de uma forma de organização social tida como pobre, fraudulenta e criminosa. A linguagem remetia para posturas revolucionários e não se usavam subterfúgios para declarar a oposição à ordem capitalista. Finda a guerra, os sobreviventes voltariam à condição de assalariados, submetidos aos seus patrões, o que justificava, ainda uma vez, a adesão ao chamamento da COB.

Este, aliás, dirigia-se a diferentes correntes, tanto que já no subtítulo mencionavam-se “socialistas, sindicalistas, anarquistas e organizações operárias de todo o mundo”, chamamento que se repetia no decorrer do texto, com inversão da ordem, a indicar que não havia valoração ou hierarquias na nomeação: “anarquista, socialistas, sindicalistas” e “socialistas, sindicalistas e anarquistas” eram convidados ao Congresso da Paz que deveria aglutinar, sob a mesma bandeira, todos internacionalistas que se opunham ao conflito.

Não era diverso o objetivo da segunda parte do texto da convocatória de Ferrol, ainda que as palavras escolhidas fossem mais diretas e ásperas, na medida em que se justificava o derramamento de sangue proletário contra o capital e o estado, uma vez que morria-se como herói e por ideal, mas não “*por la pátria burguesa, no por un emperador, czar o presidente de la república*”.³⁶

Observa-se, portanto, semelhança significativa entre os dois documentos, cujos fundamentos foram retomados ao longo das discussões das várias seções do congresso, na moção final aprovada contra a guerra e no comício em praça pública que

³⁵ Idem.

³⁶ Idem

marcou o seu encerramento. Contrariamente ao que ocorreu em Ferrol, o congresso pode realizar-se e contou com significativo espaço na grande imprensa. Ainda que a presença de delegados estrangeiros tenha sido diminuta, o que é compreensível em face do contexto então vivido, o arquivo guarda um conjunto de documentos que atestam a recepção positiva do apelo da COB, a exemplo de telegramas, cartas de apoio e mesmo auxílio financeiro para a realização do evento. Dentre as adesões, mencione-se a do Partido Socialista (Argentina), *Federación Obrera Reginal Argentina* (F.O.R.A), *Agrupacion Infantil Anarquista*, *Agrupacion Anarquista A prepararde* (ambas de Buenos Aires), União Anarquista da Região do Sul (Lisboa), União das Juventudes Sindicalistas de Portugal, *A Luz.Folha* portuguesa racionalista de New Bedford, Mass, U.S.A, *Grupo Educacion Anarquista* (Barcelona), *Grupo Los hijos de Acracia* (Morón, Espanha), *Ateneo Sindicalista de Ronda* (Espanha) e diversas entidades de Ferrol – *Ateneo Sincialista Obrero*, *Sindicato de Armadores de Construcción Naval*, *La Sociedad Cargadores y Descargadores del Puerto del Ferrol*, *Sociedad de Montadores y Ajustadores Mecánicos*, *Sociedad de Marineros y Fogoneros Marítimos y Terrestes*.

Cabe destacar que o anúncio da realização do congresso na capital federal veio a público em junho. Por certo, os organizadores não tinham conhecimento que, pouco antes do evento do Rio de Janeiro, outra reunião da mesma natureza seria realizada entre 5 e 8 de setembro, desta vez na cidade Suíça de Zimmerwald, com a presença de Lenin. Os responsáveis, precavidos depois do exemplo de Ferrol, reuniram-se sob o disfarce de um encontro de ornitólogos.³⁷

CONCLUSÃO

A proposição de realizar o evento no Rio de Janeiro, que contou com o apoio de várias entidades operárias internacionais, merece ser destacada como uma atitude não apenas corajosa, mas que também atestou a capacidade de organizativa da militância local, o que fez o Rio de Janeiro tornar-se, por alguns dias, o centro do movimento operário organizado mundial.

³⁷ Sobre a preparação do evento, seus participantes e os debates que suscitou no meio operário, ver: WAYNE, Thorpe. *El Ferrol, Rio de Janeiro, Zimmerwald and beyond. Revue Belgique de philologie et d'histoire*. Tome 84, n. 4, p. 10005-1023, 2006, que também se refere aos encontros de Ferrol e do Rio de Janeiro.

A pesquisa nos jornais operários da época indicou o importante papel desempenhado por Antonio Filgueira Vieytes, figura que até o momento não recebeu atenção da produção especializada. Os eventos, na Espanha e no Brasil, expressam a convicção doutrinária e a fidelidade aos princípios internacionalistas, numa conjuntura profundamente marcada por um nacionalismo exacerbado. Transcorrido mais de um século, não deixa de ser inspirador o exemplo desses militantes, que não se deixaram seduzir por discursos excludentes e que custaram milhares de vida.



Confederação Operária Brasileira

PELA PAZ!

Aos socialistas, sindicalistas, anarquistas e organizações operárias de todo o mundo

A pressão exercida pelos governos das nações beligerantes sobre o governo espanhol, obrigando a este a proibir a reunião, em Ferrol, do Congresso Internacional da Paz, marcado para 30 de abril próximo passado, é uma prova de que os governos da burguesia temem que os proletários do mundo inteiro cheguemos a combinar esforços e, unidos todos, façamos cessar a horrôroza matança que ha onze mezes assola os campos da civilizada Europa.

Basta já de filozofar: vamos aos fatos. Beligerantes e neutrais, sofremos as mesmas consequências do atual estado de couzas, — uns dando a sua vida nos campos de batalha, em holocausto ao deus Capital, os outros, por efeito da crise industrial e comercial, morrendo de fome e de miséria, sem que uns e outros tenhamos um jesto de rebeldia para sublevar-nos contra os cauzantes de tão monstruozo crime de leza-humanidade.

A hora é chegada para que todos os proletarios do mundo, e todos os homens de espirito altruista e de grandes ideais de redenção humana, nos aprestemos para a luta.

Atos de sublevação já se deram nas trincheiras das nações em guerra. Liebknecht e outros, na Alemanha, lançaram um manifesto pedindo a Paz. Sébastien Faure fala ao sentimento dos seus compatriotas, com um manifesto, e este chega ás trincheiras, onde os sol-



dados entuziasmados cantam a *Internacional*. Na Rússia, na propria capital da nação, os revolucionarios protestam contra a guerra. Na Inglaterra, os anarquistas e sindicalistas lançam um manifesto, dirigido ao proletariado do mundo inteiro, que é um grito de protesto contra a maldita carnificina.

Todos estes fatos nos fazem crer que a embriaguez patriótica já passou e que os ezercitos combatentes, compostos de proletarios, se vão dando conta de que foram miseravelmente enganados, e, cansados de sacrificar-se esterilmente numa luta que só vem favorecer a alta burguezia, só esperam que os proletarios das nações neutrais iniciem os primeiros passos em favor da Paz para os secundar.

Por estes motivos, a Confederação Operaria Brasileira convoca aos socialistas, sindicalistas, anarquistas e organizações operarias do mundo inteiro para um Congresso Internacional da Paz a reunir-se no Rio de Janeiro nos dias 14, 15 e 16 de outubro do presente ano, com o fim de discutir este tema:

Meios mais eficazes para fazer terminar a guerra européa.

Proletarios do mundo: acorrei a este Congresso!

Anarquistas, socialistas, sindicalistas: o momento é chegado dos grandes sacrificios!

Proletarios das nações belijerantes! Antes que morrer nas trincheiras, defendendo os interesses da classe capitalista, é preferivel morrer nas barricadas, defendendo a vossa emancipação. Escutai-nos a nós, que, irmãos vossos em sofrimentos, estamos vendo como pouco a pouco ideis deixando a vida nos campos de batalha e que, ao terminar a atual guerra, não haverá entre vós nem vencidos, nem vencedores: os conquistadores sobreviventes irão depois a cultivar os campos conquistados debaixo do latego patronal, e vencidos e vencedores continuareis os mesmos escravos do salario.

E a vós, proletarios das nações neutrais, acorrei a este Congresso, desenvolvendo todas as vossas energias e atividade para que este não seja apenas um congresso-mais.

Seja a jovem America a que lance o primeiro grito de rebelião.

Trabalhadores do mundo!

Ao Congresso da Paz, e que surja, deste, a primeira chispa do incendio que ha de fazer tremer aos governos da burguezia, esses abutres que neste instante tripudiam, devoradores, sobre a flor da juventude proletaria.

Socialistas, sindicalistas, anarquistas! Das vossas energias do vosso entusiasmo e altruismo por todas as causas nobres, sempre dispostos ao sacrificio, esperamos que neste momento sabereis cumprir o vosso dever de verdadeiros internacionalistas.

Proletarios do mundo, a pé! a hora das nossas reivindicações soû e necessario é que nos preparemos para dar a ultima batalha a esta sociedade podre, que se mantêm sómente pela fraude e pelo crime!

Ao Congresso da Paz todos os internacionalistas!
Rio de Janeiro, 29 de junho de 1915.

A Comissão organizadora do Congresso:

ANTONIO F. VIEYTES.
ASTROJILDO PEREIRA.

N. B. — Toda a correspondencia deve ser enviada para este endereço: Caixa Postal 1.427, Rio de Janeiro, Brazil.

Recebido em 12.10.2018
Aprovado em 16.11.2018